

COTIDIANO, CINEMA E FORMAÇÃO: PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Daily life, cinema and training: audiovisual productions in the pedagogy course

Ana Iara Silva de Deus – UFSM/RS*
Valeska Maria Fortes de Oliveira – UFSM/RS**

Resumo: Este texto parte de uma experiência no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, com a qual ousamos ultrapassar a monotonia no cotidiano da formação de professores, introduzindo o cinema como arte na formação. Exibimos filmes nacionais e internacionais e criamos audiovisuais com os (as) acadêmicos (as). Com essa experiência formativa, foi possível perceber que a educação se reconfigura com a possibilidade do cinema no ambiente universitário, ao permitir uma quebra no espaço e no tempo, abrindo uma brecha na formação docente para experiências criativas e estéticas. Desse modo, este trabalho provocou o próprio processo formativo e instituiu novas formas de ser e estar em sala de aula. Esse processo ocorre, porque compreendemos que a aprendizagem da linguagem audiovisual traz para o currículo da formação inicial de professores, outros desafios, outras possibilidades educativas, as quais podem transportar para outros territórios além dos muros escolares.

Palavras-chave: Cinema. Formação. Cotidiano. Produção audiovisual.

Abstract: This text is part of an experience in the Pedagogy course of the Federal University of Santa Maria, with which we dare to overcome the monotony in the teachers' daily training, introducing cinema as art in teacher training. We show national and international films and create audiovisuals with academics. With this formative experience, it was possible to perceive that education reconfigures itself with the possibility of cinema in the university environment, by allowing a break in space and time, opening a gap in teacher training for creative and aesthetic experiences. In this way, this work provoked the formative process itself and instituted new ways of being in the classroom. This process occurs because we understand that the learning of the audiovisual language brings to the curriculum of the initial formation, other challenges, other educational possibilities, which can be transported to other territories beyond school walls.

Keywords: Cinema. Formation. Daily. Audiovisual production.

INTRODUÇÃO

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã.
(Chico Buarque)*

A música, *Cotidiano*, de Chico Buarque, ilustra a escrita deste artigo que retrata uma experiência com o cinema e o audiovisual no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Fazemos alusão à letra dessa canção na abertura deste escrito, pois o cotidiano foi um tema discutido na disciplina ministrada por nós, bem como as leituras, os livros, as conversas, os diálogos, as interações, as

*Professora graduada em Pedagogia, pós-graduada em Educação Infantil. Mestre em Educação. Arteterapeuta. Licenciada em Artes Visuais. Atualmente é doutoranda da Universidade Federal de Santa Maria do Programa de Pós-Graduação em Educação. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário Social- UFSM. E-mail: anairadeus@hotmail.com.

**Professora doutora do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora CNPq. Coordenadora do GEPEIS. Endereço: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação. Departamento de Fundamentos da Educação. E-mail: vfortesdeoliveira@gmail.com.

produções escritas, as reflexões, o cinema e as produções audiovisuais, que fizeram parte do cotidiano da formação dos (as) professores (as) do 2º semestre do curso (diurno) de Pedagogia, no qual ministramos a disciplina de Sociologia da Educação III. Nesse sentido, Mesquita (1995, p.15) enfatiza que:

A repetição duradoura desaguará deterministicamente na monotonia e no tédio cotidiano, responsáveis, quem sabe, pela deterioração nas relações de convivência diária? Em outras palavras, seremos nós, pela repetitividade e pelo hábito, condenados a executar no cotidiano ações mecânicas e automatizadas como fazia em relação ao trabalho a personagem de Chaplin em tempos Modernos?

Como forma de ultrapassar a monotonia e o tédio no cotidiano da formação de professores, ou seja, do hábito que muitas vezes toma conta de nossa vida diária, introduzimos o cinema como arte no curso de Pedagogia na disciplina de Sociologia da Educação para poder “fugir” da força do hábito que, na maioria das vezes, automatiza os processos docentes. Dessa forma, com a exibição de filmes nacionais e internacionais, bem como documentários e criações audiovisuais pelos (as) acadêmicos (as), procuramos desenvolver uma aula dinâmica, dialógica, ética e estética, pois os filmes suscitaram uma série de debates e demandaram inúmeras discussões e incursões por tempos e espaços imprevisíveis. Para Fresquet (2013, p 13):

De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distantes de nosso conhecimento imediato e possível. A tela de cinema (ou visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear outro modo de comunicação com o outro (a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e como si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades.

A educação reconfigura-se com a possibilidade do cinema no espaço escolar. Esse processo ocorre porque o trabalho com o cinema na educação permite essa quebra no espaço e no tempo, na enxurrada de conteúdos acadêmicos que os alunos devem dar conta. Entretanto, de forma alguma estamos afirmando que os conteúdos teóricos não são importantes no cotidiano da formação de professores; ao contrário, são essenciais, pois subsidiarão as propostas de atuação no campo pedagógico dos futuros educadores. Desse modo, estamos tratando aqui de uma brecha na formação docente para as experiências estéticas com o cinema, visando provocar o próprio processo formativo e instituir novas formas de ser e estar em sala de aula.

Nessa perspectiva, o primeiro filme assistido com a turma foi o documentário “Acabou a Paz! Isto aqui vai virar o Chile! Escolas ocupadas em São Paulo” de Carlos Pronzato. A exibição desse documentário suscitou muitas reflexões e diálogos sobre as ocupações, em São Paulo e na cidade de Santa Maria/RS. Com esse material fílmico, os alunos puderam adentrar no universo das ocupações especialmente em Santa Maria, pois o movimento foi intenso na cidade e alguns jovens puderam exercer a cidadania e autonomia tomando a escola para si, reivindicando seus direitos subjetivos, ou seja, uma escola pública gratuita e de qualidade. Como destaca:

Novas formas de manifestações, especialmente de jovens advindas da sociedade civil não organizada nos moldes clássicos, demandando educação, não apenas o acesso ou “Mais Educação”, mas demandando educação com qualidade, para além dos discursos e retóricas dos planos e promessas dos políticos e dirigentes. (GOHN, 2016, p. 2).

Assim, nessas manifestações realizadas pelos movimentos dos estudantes em especial em várias escolas de Ensino Médio na cidade de Santa Maria como a Cilon Rosa, Augusto Ruschi, Margarida Lopes, Olavo Bilac, Tancredo Neves, Maria Rocha, Manoel Ribas, Walter Jobim e, inclusive, na Universidade Federal de Santa Maria ocupadas pelos estudantes que buscavam espaço de luta por autonomia. Várias programações fizeram parte dessa ocupação, dentre as quais se insere, por exemplo, o cineclube pelo qual os ocupantes buscavam inspiração nos filmes a que assistiam para continuarem suas lutas. Há também registro de produções audiovisuais pelos jovens que tomaram essas escolas, inclusive para se defenderem da polícia que almejava cumprir ordem de despejo das ocupações. Desse modo, podemos perceber a potência do cinema inclusive como instrumento de luta e resistência, nessas escolas ocupadas.

É o que Migliorin (2013) descreve quando afirma que o cinema tem a capacidade de nos confrontar com uma ação estética de forte dimensão política, pois, a partir da ficção, se inventa o real. Tal invenção é o próprio real, existência sem fim pré-definido. Na escola, o cinema se insere como potência de invenção, experiência intensificada de fruição estético/política em que a percepção da possibilidade de invenção de mundos é o fim em si. Já, para Oliveira (2017), "O cinema potencializa a formação de professores, tanto pela exibição de filmes, quanto pelo processo de criação audiovisual". Entendemos que a aprendizagem da linguagem audiovisual traz outros desafios e outras possibilidades educativas para o currículo da formação inicial. E, desse modo, podemos quebrar o hábito do cotidiano que nos deixa enclausurados e não permite que adentremos os territórios inusitados. Nesse sentido,

No caso do cinema na escola, é pela experiência que o professor pode sair do lugar daquele que ensina para experimentar com os alunos - um deslocamento que se faz essencial para uma dinâmica mais horizontal da produção de conhecimento. Até mesmo o gesto de ver um filme, com todos - professores e alunos - virados para o mesmo lado, já traduz a horizontalidade da experiência do cinema. Experimentar, nesse caso é se deixar afetar e produzir com o que ainda não conhecemos e que porta o risco de trazer microdesestabilizações naquilo que entendemos como "nosso mundo". (MIGLIORIN, 2015, p. 51).

Nessa perspectiva, pela via do cinema, o educador possibilita àquele que ensina a experiência de sair do lugar e colocar-se juntamente com o aluno, sem perder sua "posição", pois se coloca em condição de igualdade diante da tela do cinema. Permite, assim, que o inusitado possa ocorrer, correndo o risco da desestabilização, pois não há controle dos efeitos que irão surgir entre os (as) alunos (as) com as imagens cinematográficas, as quais podem transportá-las para outros territórios além dos muros escolares. Por isso, afirmamos que o cinema é além-fronteiras da própria educação. É exatamente o que Mesquita (1995) enfatiza quando retrata o inesperado que rompe com o hábito no cotidiano pela evocação de lembranças que podem transportar-nos a outros territórios imaginários ou reais, talvez adormecidos em nós. O texto *Cotidiano ou quotidiano*, de Zila Mesquita, pautou nossas discussões sobre o cotidiano como repetição ou invenção. Afinal, o que é o cotidiano, e como podemos observá-lo e registrá-lo? Assim, discorreremos sobre o cotidiano quando propusemos aos estudantes que retratassem seu dia a dia, por meio de filmagens com câmeras ou celulares.

Para que os (as) acadêmicos (as) sentissem seguros para iniciarem suas incursões ao mundo da linguagem do cinema, assistimos também ao Documentário de Brum (2008) *Sob o céu de Joinville / SC*¹, que retrata o cotidiano da cidade de Joinville de forma poética e estética, representa o dia a dia, as sutilezas, os encontros e desencontros de uma cidade frenética que vive intensamente o dia e a noite sob os olhos do roteirista. Esse documentário, extremamente simples, mas potente em imagens e enquadramentos, aguça a atenção no cotidiano na maioria das vezes despercebido. Inspirado em obras como *Berlim - Sinfonia de uma Metrópole*, *Um Homem com uma Câmera* e a trilogia *Qatsi*, o filme mostra o espaço de um dia por meio de momentos peculiares e triviais do cotidiano da cidade. Em linguagem que não segue os moldes tradicionais do documentarismo, a narrativa se estabelece na relação entre a trilha sonora (original) e a montagem, sem diálogos.

Mesquita (1995) salienta que a observação do cotidiano é um exercício cuidadoso, que supõe dois agires, o de quem auto-observa e, simultaneamente, observa os outros e os eventos em que está envolvido, pondo sua atenção no aqui e no agora, no que está ocorrendo, portanto, no território. Segundo essa autora, é nesse cotidiano que a heterogeneidade da vida moderna nos envolve, que tudo se organiza em torno de afetos, trabalho, lazer. E, então, como não dar atenção a esse cotidiano? Com o intuito de darmos suporte aos alunos (às) para início das suas primeiras filmagens sobre o cotidiano de cada um, observamos com os (as) acadêmicos (as) o Minuto Lumière dos irmãos Lumière, "*a chegada de um trem na estação*"², o qual apresenta uma cena do cotidiano de 1896 que retrata a chegada do trem na estação, ou seja, apresenta basicamente a rotina daquela época. Esse filme é considerado a primeira obra-prima do cinema, ou seja, o primeiro filme da humanidade, criado pelos pais do cinema, os Irmãos Lumière. É apenas um minuto de filmagem com câmera fixa e plano geral, ou seja, a imagem em movimento capta o máximo do contexto filmado. Após assistirmos a esse que é considerado o primeiro filme da humanidade, propusemos aos (às) acadêmicos (as) que retratassem uma cena do contexto local, da faculdade, utilizando os mesmos efeitos da linguagem cinematográfica produzido pelos irmãos Lumière em 1896.

¹Disponível em: <https://youtu.be/nEIETMXEbAE>.

²Disponível em: <https://youtube/RP7OMTA4gOE>.

Desse modo, o exercício proposto solicitou que os (as) alunos (as) em grupos realizassem um minuto de filmagem de algum ponto da Universidade Federal de Santa Maria, utilizando o plano geral para realizar a captura das imagens em movimento. Para Bergala (2007), o processo de criação cinematográfica envolve três operações mentais: a eleição (escolher), a disposição (posicionar) e o ataque (decidir), que devem ser encaradas antes de suas operações técnicas. Estas três operações mentais não podem ser visualizadas cronologicamente, pois elas se combinam a cada momento, dialeticamente, durante as etapas do trabalho. A qualidade da experiência de realização reside numa única questão para o autor, a de colocar em dúvida se realmente essa criação em sala de aula está se confrontando efetivamente com o cinema.

Desse modo, ao propormos essas três ações delimitadas por Bergala (2007), possibilitamos que os processos criativos e estéticos pudessem acontecer no âmbito da formação de professores, para observem seus cotidianos e olharem as imagens e seus contextos com outros olhos, com olhos da criação, da invenção e reinvenção através do visor da câmera fotográfica ou dos celulares. Por isso, quando os (as) acadêmicos (as) retornaram para a sala de aula assistimos aos minutos Lumière elaborados por eles, bem como analisamos as tomadas de plano e enquadramento da câmera para capturar a filmagem. Nessa ocasião, ressaltamos aos (às) alunos (as) que filmassem o seu cotidiano para, posteriormente, trabalharmos com essas imagens na edição, montagem, corte e produção de documentário do cotidiano de uma escola. Sendo assim,

Pensar a relação do cinema com a prática pedagógica, particularmente com o uso dessa arte na aula universitária, é de fundamental importância, pois pode ser utilizado como recurso para uma leitura crítica da realidade social onde os/as professores/as estão inseridos. (TEIXEIRA, 2017, p. 60).

Como vimos, o cinema interligado com a prática docente universitária possibilita aos acadêmicos uma leitura crítica de sua realidade, a partir da análise das produções fílmicas, bem como os diálogos e reflexões que surgem nesse processo de criação. Dessa forma, sistematizamos uma discussão sobre organização de roteiros para documentários com questões sociológicas tais como: O que iremos olhar? Como iremos olhar? A partir de que aspecto iremos olhar? Adentramos nessa discussão com base no texto *Compreender o cinema e as imagens*, de René Gardies, quando discorremos sobre uma abordagem cultural da imagem cinematográfica para que os acadêmicos pudessem compreender os processos de interpretação das imagens e o seu contexto. Para tanto, analisamos o gênero do cinema documentário, sua estrutura, sua linguagem, para análise da imagem de informação, que é característica do Documentário. Sobre essa questão, Gardies (2007, p. 59) destaca:

O cinema pode abranger cinco campos epistemológicos diferentes de acepções: o ponto de vista real, do espectador, a partir do qual o corpo trata os estímulos visuais e auditivos transmitidos pelo filme; O ponto de vista óptico induzido pela câmera, bem como o ponto de escuta formado pelos sons e pela sua mistura; O ponto de vista a partir do qual, se trata de imagens narrativas, aonde a história é contada; O ponto de vista que o filme mostra sobre o mundo; O ponto de vista crítico do espectador uma vez terminado o filme, ou seja, o juízo de gosto.

Desse modo, o ponto de vista, tanto do espectador como de quem está dirigindo o filme, é fundamental, pois trata especificamente da apresentação da obra e, no contraponto, o que essa estética visual representou para o espectador. Então, esse processo de analisar criticamente vários filmes é muito importante, pois estará desenvolvendo primeiramente o olhar atento para as imagens e, depois, suscita a criação e reflexão crítica. Assistimos igualmente ao curta-metragem *Lilla*³, de Lascano (2008) para discutirmos sobre o que podemos ver e (trans) ver com as imagens em movimento. Esse curta-metragem suscitou vários pontos de vista, pois o material fílmico promove o imaginário voltado para o dia a dia. Assim, os (as) alunos (as) puderam mergulhar no imaginário fílmico do *Lilla* e o transpor para seu contexto local.

Na sequência da aula, para que pudéssemos analisar a estrutura de um documentário, assistimos com os acadêmicos ao Documentário "*Pro dia nascer feliz*", de João Jardim (2005), e voltamos para as questões centrais da discussão sobre o gênero Documentário, para que os (as) alunos (as) tivessem

³Disponível em: <https://youtu.be/sUy6WJL7wV8>.

subsídios para realizar a produção de um documentário que retratasse o cotidiano de uma escola para ser apresentado no final da disciplina como avaliação e socialização dos conhecimentos apreendidos.

Para tanto, aprofundamos com os (as) alunos (as) a discussão sobre a linguagem do audiovisual na prática educativa, quando discorremos sobre princípios e técnicas para montagem de vídeos e analisamos os ângulos de enquadramentos e cenas no cinema. Para isso, o texto *“O enquadramento e o plano: Plano, enquadramento e encenação”* de René Gardies, foi utilizado como embasamento teórico. Em seguida trabalhamos diretamente no laboratório de informática com os (as) alunos (as) para que pudessem experienciar os processos de edição, montagem, corte e inserção de música nas filmagens produzidas por eles (elas) sobre o cotidiano de cada um. Dessa forma, os (as) acadêmicos (as) ocuparam o laboratório de informática da instituição para realizarem às edições das gravações no programa Movie Maker. Em relação ao processo de montagem e edição, Carrière (2006, p.14) salienta:

Não surgiu uma linguagem autenticamente nova até que os cineastas começassem a cortar o time em cenas, nascimento da montagem, da edição. Foi aí na reação invisível que uma cena realmente gerou uma nova linguagem. No ardor de sua implementação, essa técnica aparentemente simples criou um vocabulário e uma gramática de incríveis variedades visível para comunicar seu desejo pelo projeto.

Assim, foi possível acompanhar todo o processo de construção de conhecimento adquiridos pelos (as) alunos (as) desde a captura das primeiras imagens até a culminância final que foi a apresentação do Documentário elaborado pelos grupos. Acompanhamos também as análises das resenhas críticas elaboradas em cada produção audiovisual assistida, bem como de todo material fílmico produzido pela turma e discussões levantadas na aula. Esse conhecimento pode ser expresso, por meio de um Documentário sobre o cotidiano de uma escola da cidade de Santa Maria/RS na qual os (as) alunos (as) foram em grupos para realizarem as filmagens e entrevistas, bem como estruturaram toda a edição, a montagem e produção. Por isso, é necessário refletir que:

[...] talvez fosse preciso começar a pensar – mas não é fácil do ponto de vista pedagógico – o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo como arte. Pensar o filme como a marca de um gesto de criação. Não como um objeto de leitura, descodificável, mas, cada plano, como a pincelada do pintor pela qual se pode compreender um pouco seu processo de criação. Trata-se de duas perspectivas bastante diferentes. (BERGALA, 2007, p. 33-34).

Esse foi o intuito para inserção de produções audiovisuais no curso de Pedagogia, ou seja, pensar a estética dos filmes como arte no âmbito acadêmico, para que os alunos/as pudessem expor seus pontos de vista estabelecendo relações com suas vivências pessoais, com o cotidiano de cada um, a partir do fluxo narrativo das imagens em movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do cinema e as produções audiovisuais na formação de professores possibilita repensar possíveis mudanças no cenário atual na Universidade, quando essa linguagem ocupa um lugar privilegiado provocando acontecimentos sensíveis éticos e estéticos no campo educacional. Esse foi o intuito com o desenvolvimento desse trabalho na formação inicial de professores, ou seja, possibilitar a construção de aprendizagens significativas, por meio do cinema e da produção audiovisual na formação docente, pois compreendeu a linguagem cinematográfica como arte na educação.

Dessa maneira, com a experiência do cinema no curso de Pedagogia proporcionamos aos acadêmicos/as espaços de criação, de percepção do cotidiano, através das produções audiovisuais e das impressões e sentimentos que afloram a cada filme ou documentário assistido. Portanto, essa experiência formativa viabilizou aos acadêmicos/as um mergulho no universo da linguagem cinematográfica como ato criativo, inventivo e estético e assim mobilizou novas formas de ser estar em sala de aula, reconfigurando o próprio processo formativo.

REFERÊNCIAS

BERGALA, A. *A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE- FE/UFRJ, 2007.

BRUM, R.F. *Sob o céu de Joinville, Brasil, 2008*. Disponível em: < <https://youtu.be/nEIETMXEbAE>>. Acessado em: 05 mai.2017.

CARRIÈRE, J.-C. *A linguagem secreta do cinema*. Trad. Fernando Albagli e Benjamim Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FRESQUET, A. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GARDIES, R. *Compreender o cinema e as imagens*. Trad. Pedro Elói Duarte. Ed. textos & grafia, Lisboa, 2007.

JARDIM, J. *Pro Dia Nascer Feliz*. Brasil, 2005. Disponível em: <https://youtu.be/-wzF9xFRt20>. Acessado em: 01 mar.2017.

LASCANO, C. Lilla, 2008. Disponível em: <https://youtu.be/sUy6WJL7wV8>. Acessado em: 03 abr.2017.

LUMIÈRE, L. & AUGUSTE. *A chegada de um trem na estação*. Paris, 1896. Disponível em: < <https://youtube/RP7OMTA4gQE>>. Acessado em: 02 abr.2017.

MESQUITA, Z. BRANDÃO, C.R. *Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Ed. Universidade/UFRGS. Ed Universidade de Santa Cruz do Sul/ UNISC, 1995.

MIGLIORIN, C. *Cinema e escola sob o risco da democracia. Currículo de Cinema para Escolas de Educação Básica*. Laboratório de Educação, cinema e audiovisual. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: Educação, política e mafuá*. Ed. Beco do Azogue. Rio de Janeiro, 20015.

OLIVEIRA, V. M. F. Isso aqui está virando brasil... Cinema e Produções audiovisuais no espaço da formação de professores. In. *Revista Digital do LAV*, vol. 10, núm. 2, maio-agosto, 92-106. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/download/28789/pdf>. Acessado em: 03 mar.2017.

PRONZATO, C. *Acabou a Paz, Isto Aqui Vai Virar o Chile, Escolas Ocupadas em São Paulo. Brasil, 2015*. Disponível em: <https://youtu.be/Cm1weFyO9QE>. Acessado em: 03 mar.2017.

TEIXEIRA, I.A. et al.[Org]. *Telas da docência: professores e cinema*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Recebido em: 10.11.2018

Aprovado em 10.12.2018